

A evolução das metodologias para gerenciamento de riscos

Após os eventos que abalaram grandes corporações nos anos de 2001 e 2002, identificou-se a necessidade de mudar os modelos de gestão e controle das empresas. Uma das maneiras de se operacionalizar esta mudança foi trazendo conceitos de gestão de riscos para dentro do dia-a-dia dos executivos. Atualmente, procurando minimizar os efeitos do passado, nossas organizações buscam: conquistar e manter a credibilidade, ser resiliente para se recuperar após a ocorrência de eventos não previstos, e ser capaz de planejar melhor uma estratégia de longo prazo condizente com suas operações e características culturais.

Entre os aspectos relevantes para a implantação de um modelo de gestão de riscos está a seleção e customização de uma metodologia adequada para as necessidades de cada organização. Quase como uma resposta direta a estas necessidades, importantes trabalhos na área de gestão de riscos foram lançados ou revisados, como por exemplo, o ISO Guide 73, a norma australiana/neo-zeolandesas AS/NZS 4360 e o COSO.

Apesar da importância destas referências, o modelo de avaliação de controles internos criado pelo COSO ou *Committee of Sponsoring Organizations of the Treadway Commission* (comitê internacional, patrocinado pelas cinco maiores associações profissionais dos Estados Unidos) tem maior divulgação no Brasil. Até mesmo porque este modelo serviu como base para um dos artigos mais importantes da Sarbanes-Oxley (regulamentação norte-americana que exige um novo patamar de governança corporativa, estruturação dos controles internos e o gerenciamento de riscos).

Para citá-lo como exemplo, em função da importância dada ao gerenciamento de riscos nos dias

atuais, o COSO atualizou seu modelo, cuja primeira versão, intitulada *Internal Controls Framework*, era representado por um cubo com cinco componentes: ambiente de controles (*control environment*), avaliação de riscos (*risk assessment*), controles internos (*internal controls*), comunicação (*communications*), e monitoramento (*monitoring*).

Na versão atual do modelo, além da mudança do nome, que passou a ser *Enterprise Risk Management Integrated Framework*, a principal mudança foi feita exatamente na etapa de gestão de riscos, único componente a ser desdobrado em quatro novos componentes: definição de objetivos (*objective setting*), identificação de eventos (*event identification*), avaliação de riscos (*risk assessment*), resposta aos riscos (*risk response*).

É importante destacar que estas metodologias são válidas e aplicáveis, além do fato de apresentarem similaridades em diversos aspectos e conceitos. Todas ressaltam que ao gerenciar riscos, deixamos o passado de lado e olhamos para o presente e o para o futuro. Nossos recursos são alocados em função dos riscos (e das oportunidades), deixando de lado os controles burocráticos que não geram benefícios para a organização.

Estamos caminhando para um novo patamar dos modelos de gestão, onde o gerenciamento de riscos é parte integrante da cultura das organizações e trabalhamos para que, em breve, o gerenciamento de riscos não seja um privilégio exclusivo aos especialistas no tema, mas sim responsabilidade de todos os funcionários.